

Conteúdo pra que? Ativismo na *web* e os impactos nos processos de aprendizagem e engajamento entre jovens¹

Silvio Simão de MATOS²

Resumo

Com a evolução dos instrumentos de comunicação digital, novas interfaces de relacionamento se desenvolveram e passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas. A web 2.0 traz para a cena do dia a dia uma produção de conteúdo que nos permite trocas, compartilhamentos e muita interação. O objetivo do presente artigo é entender como os processos de ativismo nas redes sociais da internet atuam e impactam os processos de aprendizagem e engajamento. Enquanto método, utiliza-se a aplicação de pesquisas quantitativa e qualitativa, a partir da coleta de 404 questionários em escolas da rede pública e privada (Ensino Médio) na cidade de Joinville, Santa Catarina. A partir das análises, percebe-se que esses estudantes se interrelacionam, aprendem e se engajam a partir de conteúdos publicados na web.

Palavras-chave: Ativismo na web; redes sociais; aprendizagem; engajamento

Introdução

As questões que envolvem os ambientes digitais e a presença de indivíduos por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos estão impactando diretamente o ambiente social em que vivemos atualmente. Um maior impulsionamento dessas questões se dá com nossa apropriação das ferramentas que compõem a chamada web 2.0. É com esse processo que passamos a ser impactados de modo mais direto.

Nesse sentido, o presente artigo procura dialogar como as questões que envolvem o ativismo na web atuam em estudantes do ensino médio em iniciativas que perpassam situações como aprendizagem e engajamento. O percurso de construção do texto se dá pela aplicação de uma pesquisa com o suporte de um software on-line (Google Forms) junto a estudantes de escolas do ensino médio, da rede pública e privada, no município de Joinville, Santa Catarina. A aplicação do questionário ocorreu ainda durante a pandemia, ou seja, os estudantes se dividiam em momentos presenciais e a distância para acompanhar as aulas.

¹ Trabalho apresentado ao GP Tecnologias e Culturas Digitais. XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação pela UFRJ. Coordenador do PIP em Comunicação da Univille e do projeto de pesquisa Conteúdo pra que? Ativismo na web e os laços de aprendizagem, pertencimento e engajamento entre os jovens. Líder do grupo de pesquisa “Comunicação, mediações e cultura”.

Email: silvio.simon@univille.br

Nesse sentido, percebe-se como resultado do presente estudo um forte impacto de influencers, ou, mais diretamente ativistas digitais, no cotidiano dos estudantes. Isso resulta, claro, em interação, mas também em processos diferentes para aprendizagem e, conseqüentemente, engajamento. São iniciativas que acabam por impulsionar a formação de novos saberes e formas de interação.

O jovem se apropria da Web

O contexto aqui apresentado ganha repercussão em diferentes níveis sociais, de idade e de gênero. Especialmente, nas pessoas com idade entre 15 e 22 anos, por exemplo, fortes usuários de aparelhos eletrônicos constantemente conectados à internet. Ocorre, então, uma migração de tribos, de grupos existentes no cotidiano desses indivíduos para as redes sociais da internet. Para Martín-Barbero (2008, p. 13) esses agrupamentos juvenis se fundamentam em contatos propiciados por “[...] estilos de vida e exclusões sociais [...] implicações emocionais e localizações nômades [...]” que “[...] conectam-se com sociedades paralelas de todo tipo [...]”.

Em Maffesoli (1998) também encontramos a discussão relacionada a formação de tribos, onde pelo papel que cada pessoa exerce, bem como pelas representações que acabam por ocorrer, vemos tribos sendo formadas em diferentes locais, como escolas, locais de trabalho, espaços onde o jovem passa o tempo livre, constituindo uma “[...] rede com todos os efeitos sociais que podemos imaginar” (MAFFESOLI, 1998, p. 39). E se antes esses ambientes físicos eram os únicos espaços onde o jovem podia exercer pontos de diálogo, entendimento e busca por compreensão sobre quem ele é, tem-se com a internet um novo ambiente de exposição e interação, onde, conforme Antoun e Malini (2013, p. 190) se tem “[...] a exigência da franqueza como elemento básico nas relações que envolvem a governamentalidade em todos os seus aspectos”.

Imerso em desafios constantes e pensamentos difusos, o jovem pode encontrar no coletivo um suporte para se entender e construir um modo de pertencimento cultural, diante de cenários tão mutantes, pois quando falamos no jovem encontramos “[...] identidades móveis, mutáveis e capazes de respostas ágeis e às vezes surpreendentemente comprometidas [...]” (REGUILLO, 2008, p. 58). Esse coletivo também existia e existe em ambientes como a praça, a escola, o clube, a roda de amigos. No entanto, para Prioste (2016, p. 162) diferente de outros tempos, hoje pelas ações que realiza e pela frequência que está na web, os jovens tem mais pontos de contato e maneiras de interagir com os

outros e que, “[...] ao expressarem suas preferências na rede, encontram aqueles que partilham de gostos similares, o que favorece participações comunitárias para além daquelas determinadas pelo contexto social concreto em que vivem”.

Nessa constante apropriação que o jovem faz da web como instrumento para se tornar alguém presente no mundo em que vive, percebe-se que a construção da identidade do jovem é impactada pelos “[...] gostos e sensações que a visualidade tecnificada proporciona, as gratificações midiáticas e tecnológicas obtidas pelos atores vão enquadrando e prefigurando suas identidades emergentes” (GÓMEZ, 2006, p. 93). É a construção de um novo “Eu”, agora via web, que se relaciona com o mundo e com os sujeitos que se encontram nele, um “Eu” que passa a ser visto e assistido com enorme frequência, que se espetaculariza, pelas fotos, pelos comentários, pelo compartilhamento, por um se encontrar na publicidade, por questionamentos ao participar de diálogos e ações na internet, por favor lugares tão distantes, parecerem tão próximos (SIBÍLIA, 2016). São construções ancoradas na internet, comportamentos expostos e questionados, uma visibilidade que leva a mecanismos que incentivam a solidariedade, mas também trazem sentimentos de pertencimento e identificação (FEIXA, 2014).

Conteúdo, Interação e compartilhamento pelas redes sociais da internet

As inúmeras possibilidades de acesso a conteúdo produzido por outras pessoas se efetivam a partir do momento em que passam a fazer parte do nosso cotidiano plataformas como o extinto Orkut, ou como YouTube, Facebook, Instagram e Twitter, que contam com milhares de contas em todos os cantos do planeta. São bases que auxiliaram a gerar engajamento e tiveram papel decisivo para que interações se transformassem em produção de novos saberes e manifestações, as quais muitas recebem elevadas quantidades de curtidas e compartilhamentos. Mudamos nossos hábitos, que eram estáticos e passivos e estavam presentes quando liamos um jornal e uma revista, escutávamos rádio, ou, víamos tv, para momentos de profunda imersão em modelos de comunicação que nos fazem assumir também um papel ativo. Jenkins (2009, p. 47) coloca que se antes quem consumia canais de comunicação “[...] eram previsíveis e ficavam onde mandavam que ficassem, os novos consumidores são migratórios, demonstrando uma declinante lealdade a redes ou a meios de comunicação”.

O aperfeiçoamento dos recursos técnicos usados nas plataformas digitais contribui para a profusão de participações que muitas vezes ocorrem simultaneamente, podendo ser

instantâneas ou mesmo se fazer presente em discussões um pouco mais longas. Esses recursos vão tornar a linguagem comum, seja por meio de ícones ou contextos de utilização, como botões de acesso, para inserir uma imagem, um vídeo ou simplesmente um comentário. A questão da universalidade da língua é retratada por Canclini (2008, p. 53) no seguinte modo: “mesmo em línguas diferentes, a fala e a escrita dos jovens caracterizam-se por modulações linguísticas compartilhadas, apresentam códigos estilísticos e de auto-reconhecimento semelhantes”. E se como dito anteriormente que na frente da tela da TV ficávamos de maneira bem estática, agora atuamos junto as telas do smartphone, do tablete, construindo comportamentos que se tornam públicos, expondo textos e fotos que retratam o que fizemos nos últimos instantes e vídeos de temas diversos, como música, esporte, ou, política.

Trata-se de um belo jogo: de um lado, temos o produtor, o gerador de conteúdo; do outro, o espectador, com um perfil um tanto quanto diferente do que em outras épocas. O espectador agora quer trocar, fazer valer suas ideias a respeito do que está sendo exposto e, nesse sentido, precisa ser reconhecido, entendido, compreendido em relação as suas necessidades. Já quem produz conteúdo precisa em muitos momentos fazer tentativas de acerto e erro até ter uma visão clara de como os textos, as imagens e os sons por ele elaborados e veiculados podem servir para conectá-lo com o seguidor e, a partir dessa conexão, fazer com que o sujeito com o qual ele está partilhando veja naquela obra elementos narrativos relevantes para a interação entre ambos (RECUERO, 2014). Percebe-se que os desafios para quem constrói conteúdo para web são grandes. Seja porque foge da dinâmica central do que normalmente é ditado pelo espetáculo das redes sociais digitais, seja pelos preconceitos velados que perpassam a sociedade nos ambientes tradicionais e que estão presentes de modo crescente no que se vê em publicações, vídeos e comentários.

Comunidades virtuais, engajamento e participação

Inserido de fato e de direito no contexto da web, o jovem que se constitui como sujeito integrante e se expõe nas redes sociais tem nas inúmeras comunidades e grupos virtuais dos quais participa portas que se abrem a todo momento, como se fossem da sua casa, de onde ele entra e sai, na maioria das vezes sem pedir licença. É nesse ambiente que em diferentes momentos ele se sente mais à vontade ou enxerga ali a sua verdadeira morada. Por isso, as comunidades virtuais e os amigos que nela residem funcionam “como

vias de informações mesmo quando não estão conectados” (RECUERO, 2014, p. 132). Estamos falando de contextos literalmente abertos no sentido de entrar e sair no momento em que esse jovem desejar, tudo dependendo do quão forte se mantiverem os vínculos e os laços entre os participantes da comunidade. É como declara Sibilia (2016, p. 24): “por toda a parte, então, os usuários, leitores ou espectadores são convocados a partir, compartilhar, opinar e se exibir de um modo considerado ‘proativo’”.

Os vínculos estabelecidos pelas comunidades trazem uma constante inserção em ambientes que vão ao encontro daquilo que o jovem, o participante deseja para o seu cotidiano e que se ao ser entendido como relevante, passa a ter significado e a contar com o seu engajamento. Essa relevância que a rede, que a comunidade virtual pode representar é de fato importante para a permanência do jovem e para que ocorram as interações dele com os demais participantes. Caso contrário, é bem provável que com o tempo o jovem deixe de seguir, de trocar, de se fazer presente nas interações de sua rede, pois a falta de conteúdo relevante será percebida, identificada e levada em consideração, podendo causar uma quebra de envolvimento (MARTINO, 2010).

Ao se inserir em redes, em grupos sociais para curtir, compartilhar, comentar, postar suas opiniões e expor sua vida, o jovem tem a possibilidade de se descobrir e se encantar, ser estimulado a participar, a viver com intensidade. Afinal, “seguir várias conversações on-line também requer engajamento e uma complexificação para compreender os diferentes contextos em rede, as faces dos participantes e mesmo a estrutura das conversações em ferramentas diferentes” (RECUERO, 2014, p. 149), e esse contexto a ser compreendido precisa estar inserido e visto como relevante pelo jovem.

Nos grupos dos quais participam, eles vão encontrar um lugar simbólico, onde se realizam, se efetivam e trocam experiências. Ao estabelecer suas escolhas, as fazem por uma lógica de pensamento, que envolve uma orientação de contexto, imersão e inclusão social. Rocha e Pereira (2010, p. 393), ao discutir os jovens e seus grupos, indicam que “é de onde os jovens retiram boa parte de seu sentido de solidariedade e onde encontram o suporte necessário para a complicada negociação coletiva dos valores que giram em torno da construção das identidades singulares”. O que temos, então, são publicações que acionam e despertam sentimentos e sensações diversas e que no entrecruzamento geram vários troncos de conversação, que reforçam esse ambiente enquanto articulação para exposição do sujeito jovem.

A internet enquanto ambiente de ativismo social

A formação de uma frase, a criação de um contexto, uma atuação que envolve o corpo e a fala. Textos e expressões que são estabelecidas dentro de um cenário de exposição de conteúdos que abordam temas que impactam a sociedade, apresentados como um espetáculo idealizado para trilhar caminhos que incorporam a defesa de temas e tenham a capacidade de influenciar o pensamento dos seguidores. De acordo com Recuero (2014, p. 17), “são essas conversas públicas e coletivas que hoje influenciam a cultura, constroem fenômenos e espalham informações e memes, debatem e organizam protestos, criticam e acompanham ações políticas e públicas”. A inclusão de ferramentas digitais no processo de comunicação é um determinante para a proliferação de pessoas que não querem mais ser estáticas, cumprindo um papel apenas de assistentes.

Na plataforma YouTube.com, por exemplo, os últimos anos foram marcados pelo surgimento de inúmeros canais que atuam no sentido de construir referências voltadas a discussão de temas como meio ambiente, questões étnico-raciais e direitos humanos. Ocorre aqui uma passagem das ruas para as telas. Antoun e Malini (2013, p. 139) discutem essa questão e mostram o quanto a internet e a rua se confundem hoje, no sentido de que o ativismo que emergiu dessa relação fez de “suas imagens, seu ouvido, suas sonoridades, sua boca, suas falas, sua pele, seus contatos, sua memória e suas conexões, até construir uma teia comunitária tornando o corpo apto a viver no ciberespaço”.

Viver nesse ciberespaço, citado por Antoun e Malini, significa estar preparado para aquela conversa franca, aberta, sem rodeios, que vai direto ao ponto. Tudo tem sido muito rápido no tocante às dinâmicas e inovações relacionadas à cultura digital, e “[...] isto se deve ao fato de que tudo desemboca num oceano de informação e de comunicação no qual todo o mundo pode se dar ao luxo de compartilhar essas práticas (CASTELLS, 2010, p. 189). Ao falar, ao se expor, ao tecer um vídeo e publicá-lo na web, a jornada apenas está iniciando, e algo mais importante e significativo vai acontecer: uma ampla e significativa troca de conversações firmadas nos comentários, uma discussão colaborativa, um percurso que nos envolve, nos consume e sobre o qual “ainda estamos aprendendo como exercer esse poder – individual ou coletivamente – e ainda estamos lutando para definir as condições sob as quais nossa participação será permitida” (JENKINS, 2009, p. 328).

E se, por um lado, há a possibilidade de manifestar, de expor o que pensa, por outro tem-se um conjunto de seguidores que, parece, está em permanente sentido de

vigilância, em uma busca frenética por controlar a tudo e a todos, do conteúdo aos relacionamentos construídos. A internet acaba por unir, então, vários pontos e reflexões, caminhando por participação, compartilhamento e manifestação, por olhares que insistem em cuidar o que fazemos. Constituindo-se como propulsora de um ativismo social ao qual ainda estamos nos acostumando, onde os encontros não são mais apenas na esquina democrática, naquele local tradicional que recebia as manifestações; eles também ocorrem no YouTube, no Facebook, no Instagram, no Twitter, nas mais diferentes redes sociais, que engajam, geram uma produção compartilhada, produzem experiências, sejam elas efêmeras ou duradoras (CANCLINI, 2008).

O que apontam as investigações com estudantes do ensino médio em Joinville/SC?

Dentro das perspectivas metodológicas para o desenvolvimento do artigo, realizou-se a aplicação de uma pesquisa, com o suporte do *Google Forms*, com questionamentos quantitativos e qualitativos, junto aos estudantes do ensino médio de escolas públicas e privadas localizadas no município de Joinville, Santa Catarina. Por ter questões quantitativa, cuja característica envolve a designação de uma amostra para uma determinada população, o formulário foi aplicado a uma amostra de 404 estudantes, considerando uma população-alvo de 18.735 matrículas no ensino médio na rede pública e privada em Joinville, de acordo com dados do Censo Escolar 2018, atualizado em maio de 2019 (WWW.SED.GOV.BR, 2019).

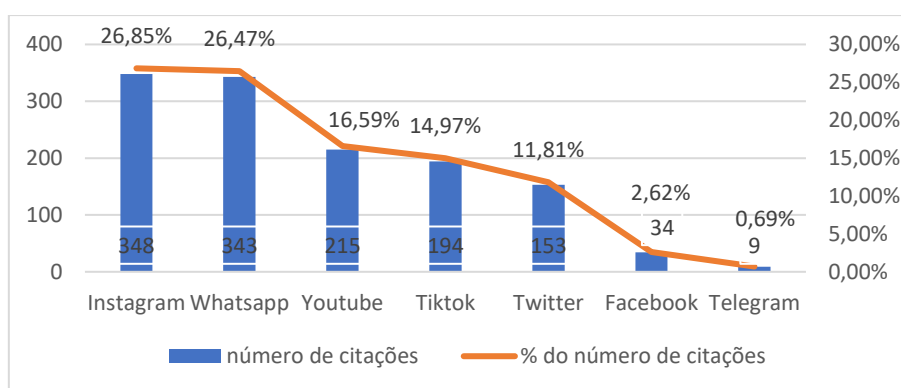
O objetivo dessa etapa da pesquisa, realizada no primeiro semestre de 2021, foi compreender as relações dos jovens estudantes do ensino médio com a web e os conteúdos produzidos e publicados nas redes sociais, bem como identificar as referências digitais desses jovens, ou seja, quem eles seguem e por que o fazem. Conforme os números apresentados pelo censo (SED, 2019), 15.127 são da rede pública e 3.608 da rede privada, o que nos levou a aplicar o questionário de forma equilibrada, levando em consideração os perfis das redes, mas também os impactos da pandemia COVID-19 no retorno as aulas nas escolas de ensino médio em Joinville. Seguindo os trâmites da Univille, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Instituição.

No que se trata da distribuição dos participantes da pesquisa, 62,38% se identificaram como gênero Feminino, 34,41% masculino, 0,50% não binário e 2,72% preferiram não dizer. Enquanto perfil de idade, destaque para aqueles que tinham 15 anos (21,53%), 16 anos (32,18%) e 17 anos (32,92%). A organização da pesquisa com inclusão

de investigações envolvendo dados quantitativos foi incentivada, enquanto realização, após participação em curso de metodologias científicas realizado pela Intercom com essa temática em novembro de 2020. Os gráficos apresentados a seguir e que constituem a investigação foram gerados a partir do *Google Forms* e do Excel.

A primeira questão abordada foi em relação as redes digitais frequentadas. A partir do gráfico 01, percebe-se que Instagram (26,85% das citações); Whatsapp (26,47%), YouTube (16,59%) e TikTok (14,97%) dominam a maior frequência de audiência.

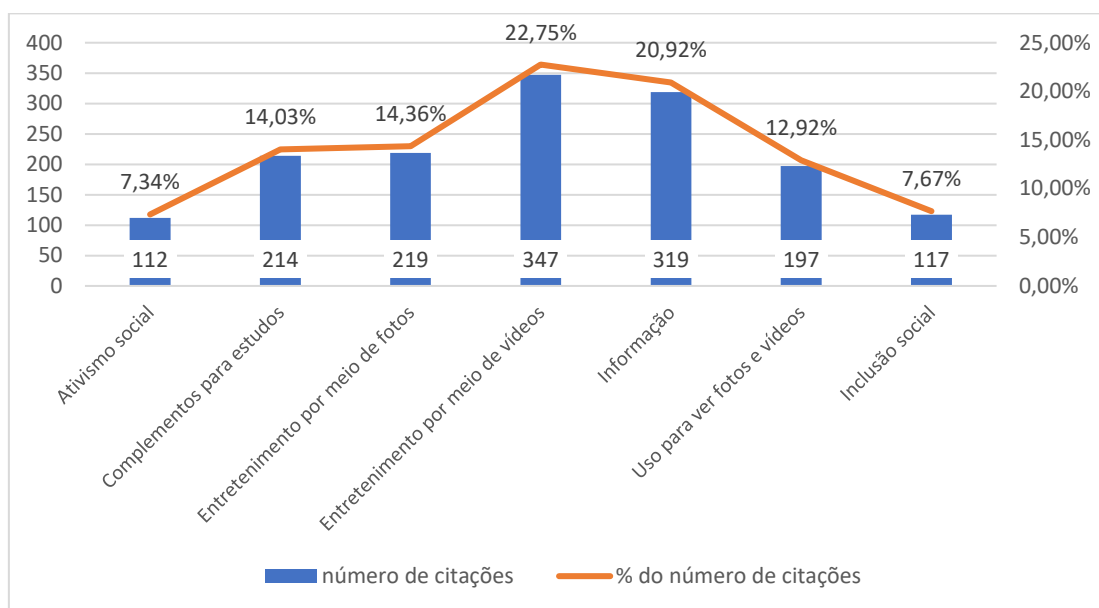
Gráfico 01: Das redes digitais abaixo, indique as três que você costuma utilizar com maior frequência?



Fonte: Elaboração própria

Seguindo os questionamentos da pesquisa, buscamos coletar informações em relação aos tipos de conteúdo que o estudante busca nas redes digitais. A partir da coleta, demonstrada do gráfico 02, observa-se que a procura por entretenimento (22,75%) e informação (20,92%) representam os principais caminhos de uso por parte desses estudantes, quando frequentam redes digitais. Observa-se por meio das respostas obtidas, estímulos para processos relacionados a aprendizagem e engajamento.

Gráfico 02: Que tipo de conteúdo você busca nessas redes digitais?

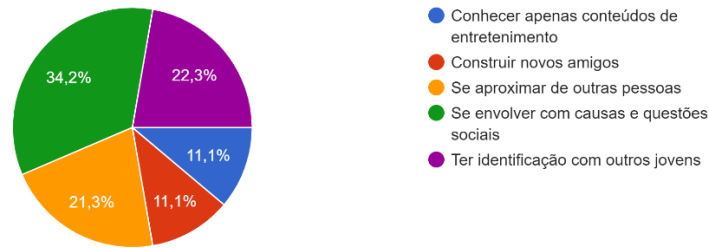


Fonte: Elaboração própria

Os estímulos comentados levando em considerado o gráfico 02, se fortalecem a partir do que vemos no gráfico 03. Nele vemos que aspectos como “se envolver com causas e questões sociais” (34,2%), “ter identificação com outros jovens” (22,3%) e “se aproximar de outras pessoas” (21,3%) foram os que mais impactaram os respondentes da pesquisa. A partir dos conceitos apresentados e estudados sobre o tema, verifica-se que envolvimento, identificação e aproximação são pontos chaves para, dentro das perspectivas de atuação de ativistas digitais, serem constituídos os processos de aprendizagem e engajamento junto aos jovens.

Com relação ao envolvimento com causas e questões sociais, em uma das questões abertas, onde poderia ser pontuado o ponto de vista dos entrevistados, um dos comentários identificou que quem ocupa um lugar de fala nas redes digitais tem “*poder de alguma forma falar e expressar para todos um assunto que pode ou não ser considerado um tabú na sociedade por diversos motivos [...]*”.

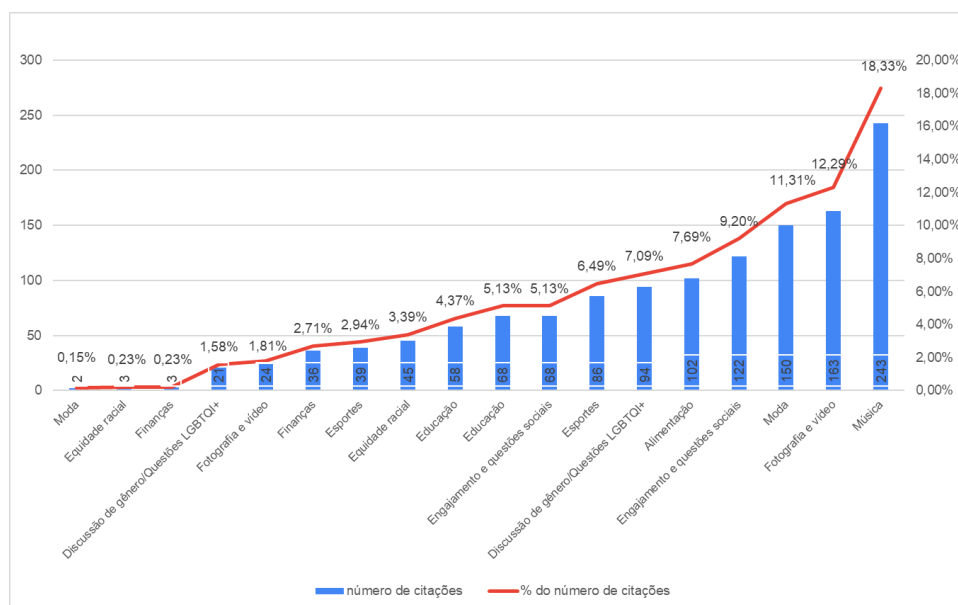
Gráfico 03: Para você, redes digitais como Facebook, Instagram, Twitter e Whatsapp, ajudam os jovens à:



Fonte: Elaboração própria

Outro ponto que chama a atenção entre os resultados obtidos na coleta de dados é exposto no gráfico 04, que aborda o perfil de conteúdo produzido por quem o estudante segue nas redes digitais. Entre os principais tópicos destacam-se alguns envolvendo entretenimento como “Música” (18,33%), Fotografia e Vídeo (12,29%), Moda (11,31%) e Alimentação (7,69%). No entanto, outros elementos têm frequência equilibrada e nos mostram perfis de conteúdos que aproximam os jovens de questões sociais e de aprendizagem, tais como: “Engajamento e questões sociais” (9,20%), “Discussões de Gênero/Questões LGBTQI+” (7,09%), ‘Engajamento e questões sociais’ e “Educação” (ambos com 5,13%). Isso nos leva a apontar sentidos ligados a aprendizagem e engajamento, oriundos dos momentos em que o estudante acompanha perfis ligados a ativismo na web.

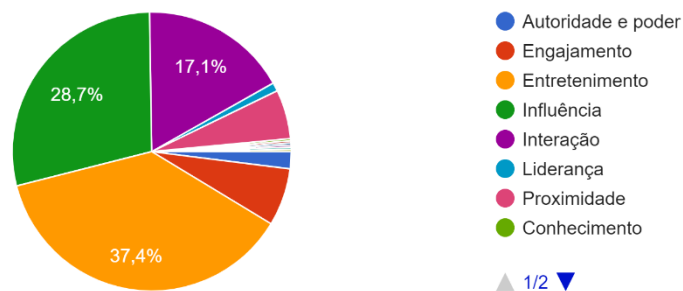
Gráfico 04: Das pessoas que você segue, elas atuam com qual perfil de conteúdo:



Fonte: Elaboração própria

As reflexões em relação as respostas obtidas no gráfico 05 podem ser feitas tendo como ponto de partida de estudos realizados por Matos (2019). Ao investigar os canais DePretas (Gabi Oliveira) e Louie Ponto, são percebidas questões bem próximas as obtidas aqui, pois ambas as influencers procuram a partir do “Entretenimento” (37,4% da preferência dos entrevistados desta pesquisa) fazer vídeos que possam impactar os participantes de seus canais. E com essa “influência” (28,7%) que geram pelo conteúdo produzido conseguem transmitir informações que auxiliam esses indivíduos a se encontrarem, a se entenderem, caracterizando, assim, ações de aprendizagem e engajamento.

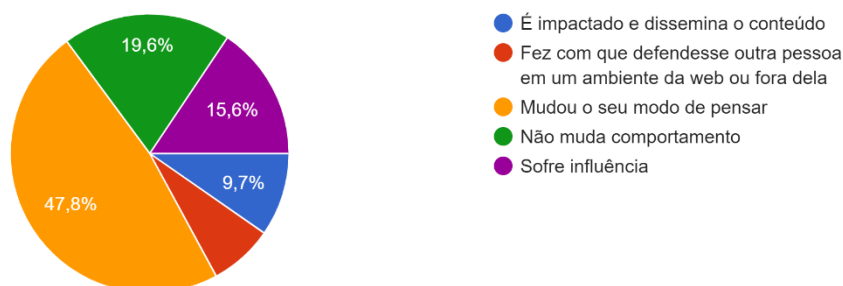
Gráfico 05: Ao seguir as pessoas que produzem esses conteúdos, você acredita que qual tipo de vínculo é construído?



Fonte: Elaboração própria

A construção dos processos aqui abordados, continua se evidenciando no gráfico 06. Quando as opções “mudou o seu modo de pensar” obtém 47,8%, “sofre influência” tem 15,6% e “é impactado e dissemina o conteúdo” 9,7%, vemos que os conteúdos que integram o cotidiano dos participantes da coleta de informações impactam e constituem emoções (MARTIN-BARBERO, 2008), formam tribos (MAFFESOLI, 1998) e amplificam as possibilidades de diálogo e comprometimento. Além disso, podemos dizer que com a constituição de narrativas relevantes para esses jovens, são constituídas as aproximações e muitos ideais.

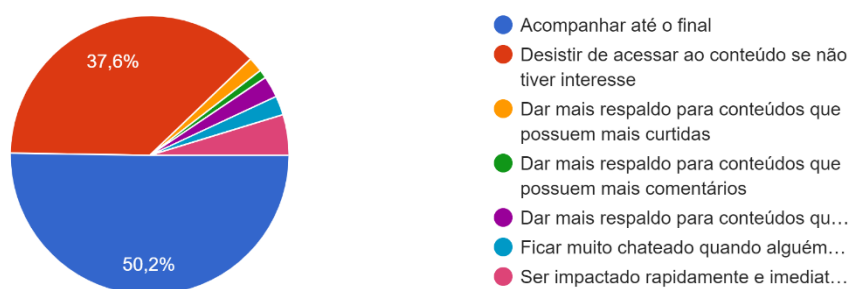
Gráfico 06: Em relação ao conteúdo que você tem contato nas redes digitais, você:



Fonte: Elaboração própria

Em relação ao grau de envolvimento com a interação que realiza nas redes digitais, percebe-se, com os resultados apontados pelo gráfico 07, que os estudantes são impactados diretamente pela proximidade que o conteúdo tem com sua área primária de proximidade, bem como pela interação que acontece na web. Isso é validado com as indicações de que 50,2% indicam “ficar muito chateado quando alguém discorda de um posicionamento que foi adotado por você”, no caso o respondente, e 37,6% dizem “desistir de acessar conteúdo se não tiver interesse”. Isso identifica que é importante para esse estudante se sentir “à vontade” no ambiente virtual que ele segue, de modo que ele enxergue nesse espaço o seu habitat, para buscar conexões (RECUERO, 2014), criando vínculos e laços (SIBILIA, 2016), indicando uma possível liberdade de ir e vir enquanto páginas que segue na web.

Gráfico 07: Ao assistir o conteúdo produzido por um ativista digital nas redes da internet, sua principal característica é:

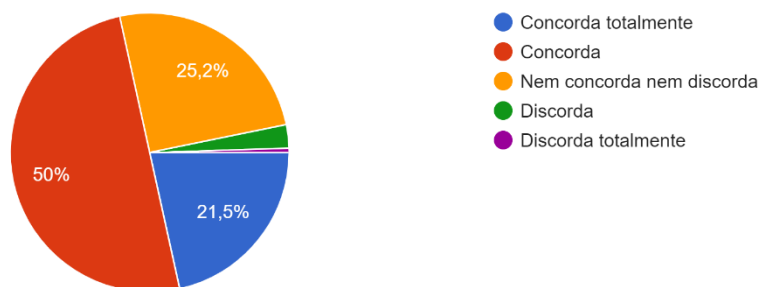


Fonte: Elaboração própria

Por fim, a última questão que se apresenta se refere a concordância ou não em relação a contribuição dos ativistas digitais como fator de impulsão para que sejam

discutidos temas que possam impactar a sociedade. Os estudantes entrevistados apresentam uma visão clara e direta em relação ao tema, pois 75,2% concordam ou concordam totalmente com a influência gerada por ativistas digitais nessa questão.

Gráfico 08: Em relação a seguinte afirmação: “Ativistas digitais contribuem com seus conteúdos para dar oportunidade de discussão para temas até então não tratados pela sociedade”, você:



Fonte: Elaboração própria

Esse ponto de reflexão fica claramente evidenciado por meio de comentários feitos pelos respondentes nas perguntas abertas que abordaram o que representa a expressão ativista digital e aos temas que eles consideram fundamentais a serem abordados por pessoas que ocupam as redes digitais para gerar conteúdo e, conseqüentemente processos de aprendizagem, interação e engajamento. Em um desses momentos, uma resposta indica que ativista digital é a “*Pessoa que defende uma causa que considera importante, mostrando sua visão e, às vezes, sua experiência sobre esse assunto. Podendo assim impactar outras pessoas e incluí-las em outros meios*”.

Enquanto processo de aprendizagem, uma colocação chama bastante atenção e demonstra o quanto os estudantes do ensino médio não estão alheios as situações que se situam na construção do ambiente social em que vivem: “*Política social, uma vez que precisamos de uma base social para podermos discutir o nosso espaço no conjunto da sociedade, questões históricas também, junto com a política governamental (como acontecimentos atuais vivenciados pelo governo) e economia*”. Esse contexto foi expresso quando o questionamento abordou temas que não poderiam faltar em conteúdos gerados por ativistas, ou, influencers digitais. São questões como essas, colocadas em depoimentos, que evidenciam o impacto de quem ocupa as redes digitais (influencers, ou, ativistas na web) nos jovens que seguem canais, páginas e/ou perfis na web,

demonstrando o quanto os processos de aprendizagem e engajamento estão correlacionados a essas discussões no atual momento que vivemos.

Conclusão

A presente discussão aqui apresentada caminha dentro de perspectivas de construção teórica no campo das redes sociais da internet. Hoje, boas e importantes investigações são realizadas visando entender esse contexto, seus impactos e a força que as interações exercem nas pessoas que frequentam esses espaços. A proposta para o presente artigo se constituiu de entender como os processos de ativismo nas redes sociais da internet atuam e impactam os processos de aprendizagem e engajamento.

Tendo como subsídio os dados apresentados, seja por meio dos gráficos e/ou colocações feitas nas perguntas abertas, observa-se que o exercício do que chamamos de ativismo nas redes sociais da internet acabam por servir de instrumento complementar para estudantes do ensino médio em seu processo de aprendizagem. São vídeos, posts, fotos e textos que em diferentes graus de influência acabam por contribuir na formação e na constituição desses jovens enquanto sujeitos e membros de uma sociedade.

E a indução gerada pelos conteúdos e informações compartilhadas nas redes digitais, acabam por atuar ainda em caminhos que efetivam, ou não, o engajamento desses indivíduos nas propostas e discussões apresentadas. Evidencia-se, nesse sentido, o potencial que as redes sociais na internet têm, atualmente, para não só impactar, mas efetivamente atuar como instrumentos de aprendizagem e engajamento, seja em relação a causas sociais, problemáticas da região onde se vive, ou mesmo, contextos mais amplos, como questões relacionadas a gênero, étnico-raciais e política públicas para esses campos.

Identifica-se como necessário estimular outras iniciativas de pesquisa utilizando métodos quantitativos, de modo a contribuir com os entendimentos sociais relacionados a comunicação, dentre eles as redes sociais na internet. As possibilidades de discussão, a partir de dados quantitativos aqui apresentados, são iniciais e, com certeza, podem contribuir muito para o campo da comunicação.

Referências bibliográficas

ANTOUN, Henrique; MALINI, Fábio. **@internet e #rua** – ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CASTELLS, Manuel A questão das tecnologias de comunicação: novas perspectivas. In: MORAES, Dênis de (org.). **Mutações do visível** – da comunicação de massa à comunicação em rede. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010.

FEIXA, Carles. **De la generaci3n@ a la #generaci3n** – la juventude em la era digital. Barcelona: Ned Ediciones, 2014.

G3MEZ, Guillermo Orozco. Comunica3o social e mudan3a tecnol3gica: um cen3rio de m3ltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis de (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

JENKINS, Henry. **Cultura da converg3ncia**. 2. ed. S3o Paulo: Aleph, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos** – o decl3nio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universit3ria, 1998..

MART3N-BARBERO, Jes3s. A mudan3a na percep3o da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Silvia H. S.; FREIRE FILHO, Jo3o (orgs). **Culturas juvenis no s3culo XXI**. S3o Paulo: EDUC, 2008.

MARTINO, Lu3s Mauro S3. **Comunica3o e identidade** – Quem voc3 pensa que 3? S3o Paulo: Paulos, 2010.

PRIOSTE, Cl3udia. **O adolescente e a internet** – la3os e embara3os no mundo virtual. S3o Paulo: Edusp; Fapesp, 2016.

RECUERO, Raquel. **A conversa3o em rede**: comunica3o mediada pelo computador e redes sociais na internet. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

REGUILLO, Rossana. El a3o dos mil, 3tica, pol3tica y est3ticas: imagin3rios, adscripciones y pr3cticas juveniles. Caso mexicano. In: CUBIDES C., Humberto J.; TOSCANO, Mar3a Cristina Laverde; VALDERRAMA H., Carlos Eduardo. **Viviendo a toda** – j3venes, territ3rios culturales y nuevas sensibilidades. Bogot3: Siglo del Hombre Editores; Departamento de Investigaciones Universidad Central, 2008.

ROCHA, Everardo; PEREIRA, Cl3udia. Sociabilidade e novas tecnologias: os significados do consumo entre os jovens. In: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando J. de (Orgs.). **Comunica3o, cultura e juventude**. S3o Paulo: INTERCOM, 2010.

SIBILIA, Paula. **O show do Eu** – a intimidade como espet3culo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

Sites consultados

<http://www.sed.sc.gov.br/documentos/censo-278/censo-escolar-2018/matriculas-censo-escolar-2018>
acesso em 13/03/2020

Trabalhos acad3micos

MATOS, Silvio Sim3o. **Subjetiva3o e ativismo nos canais DePretas e Louie Ponto – identifica3o, engajamento e pertencimento**. Tese (Doutorado em Comunica3o e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro: 2019.